

USOS CORRENTES DA TERMINOLOGIA DE PAISAGEM SONORA NA ACADEMIA BRASILEIRA

Rafael Galvão Leal Andrade ¹, Ranny Loureiro Xavier Nascimento Michalski ²

¹ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, mestrando, andrade.rafael@usp.br

² Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, doutora, rannym@usp.br

RESUMO: O campo de estudos da paisagem sonora é multidisciplinar desde sua criação e tem apresentado crescente número de trabalhos produzidos no Brasil em língua portuguesa. No entanto, diferentes áreas de estudos e autores adotam diferentes trabalhos como referências, ou utilizam traduções diversas para um mesmo conceito, o que gera na Academia Brasileira uma falta de padronização no assunto. Com o intuito de verificar os usos correntes da terminologia de paisagem sonora no Brasil, foram realizadas pesquisas por palavras-chave na plataforma Google Scholar, que demonstraram: variações de definições para um mesmo termo (paisagem sonora), aplicações bastante divergentes entre termos similares (paisagem sonora e paisagem acústica) e traduções diferentes para um mesmo método de coleta de dados (passeio sonoro, caminhada sonora, deriva sonora). A partir dos resultados obtidos é possível concluir que a tradução de trabalhos importantes sobre paisagem sonora e esforços de padronização de terminologia são uma carência na pesquisa brasileira e peças-chave para uma maior integração entre diferentes áreas do saber e florescimento da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem sonora, terminologia, acústica, normalização.

TITLE: CURRENT USES OF SOUNDSCAPE TERMINOLOGY IN BRAZILIAN ACADEMIA

ABSTRACT: The soundscape field of study has been a multidisciplinary discipline since its inception and the number of Brazilian publications in Portuguese has been increasing recently. However, different areas of study and authors adopt different publications as references, or use diverse translations for the same concept, what makes the Brazilian Academia not standardized in terms of soundscape. To assess the current usage of soundscape terminology in Brazil, keywords searches were carried out on the Google Scholar platform. The results show variations in the definitions for the same term (paisagem sonora), quite divergent applications between similar terms (paisagem sonora and paisagem acústica) and different translations for the same data collection method (passeio sonoro, caminhada sonora, deriva sonora). Based on the results obtained, it is possible to conclude that there is a lack of translation of important literature on soundscape and of standardization of Brazilian research, which are key factors for better integration between the different fields of study and for soundscape research to flourish in the country.

KEYWORDS: Soundscape, terminology, acoustics, standardization.

1. INTRODUÇÃO

“O território básico dos estudos da paisagem sonora estará situado a meio caminho entre a ciência, a sociedade e as artes” [1]. Essa afirmação categórica a respeito do caráter pluridisciplinar dos estudos de paisagem sonora está no capítulo de introdução da obra “A Afiinação do Mundo” (*The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*), trabalho mais conhecido de Raymond Murray Schafer, o primeiro a propor, em 1977, uma definição do novíssimo termo *soundscape*, posteriormente traduzido como paisagem sonora. O termo em si havia sido utilizado pela primeira vez por Southworth, em 1969, em seu artigo “*The Sonic Environment of Cities*”, em



que apresenta os resultados de estudos de campo sobre a paisagem sonora de Boston [2]. Apesar de não serem apresentadas definições ou conceitos no texto de Southworth, ele lançou as bases para o campo de estudo que se desenvolveria depois, utilizando-se de um passeio (*trip*) para coleta de dados acerca da percepção de sujeitos sobre a paisagem sonora da cidade.

A partir dos estudos de Schafer e da criação do *World Soundscape Project* (WSP) na Universidade Simon Fraser (Canadá), que contava com a participação de Schafer, Truax e Westerkamp, o uso do termo em inglês (*soundscape*) se difundiu e ganhou novos contornos. De acordo com Kelman, em seu artigo que propõe uma genealogia crítica do termo, *soundscape* passou a ser um termo que se refere a “quase toda experiência do som em qualquer contexto” [3]. A tradução para o português, apesar de não ser tão difundida quanto o termo original, também ganhou espaço em diversos campos de estudo e, conseqüentemente, recebeu significações diversas a depender da área do conhecimento em que foi aplicada.

O presente artigo busca compreender os usos da terminologia de paisagem sonora na Academia brasileira a partir das traduções adotadas para dois conceitos chave: *soundscape* e *soundwalk*. O primeiro se refere à área de estudo e o segundo, ao principal método utilizado para obtenção de dados em campo. Assim, em um primeiro momento será apresentado um breve histórico sobre os termos originais e em seguida serão analisados os termos traduzidos presentes em artigos e produções acadêmicas de diversas áreas de estudos no Brasil. Foram considerados para a produção desse artigo os termos em português “paisagem sonora” e “paisagem acústica” relacionados a *soundscape*; e os termos “passeio sonoro”, “caminhada sonora” e “deriva sonora” relacionados a *soundwalk*. Os artigos avaliados foram encontrados na busca pelos termos acima a partir da plataforma *Google Scholar*.

Após a avaliação dos termos, o trabalho busca criar um vínculo comum entre as disciplinas que se dedicam ao estudo da paisagem sonora, propondo uma unificação da terminologia e uma aproximação entre estudos de diversas áreas do saber que se relacionem com a temática de paisagem sonora.

2. LANDSCAPE, O PONTO DE PARTIDA

A nomenclatura adotada para os estudos de *soundscape* (aqui tratados pela tradução paisagem sonora) é extraída dos estudos de paisagem, sendo a analogia e contraponto entre os sentidos da visão e audição propositais. Akiyama ressalta a intenção de “corrigir o viés visual” do WSP, formado entre outros por Schafer e Truax, subvertendo a terminologia de paisagem por meio de neologismos auditivos apresentados por Schafer, como “clariaudiência” em vez de clarividência, ou “testemunhas auditivas” em vez de testemunhas oculares [4]. Assim, para compreender as implicações da paisagem sonora, faz-se importante observar os estudos sobre paisagem, conceito-chave nos campos de estudos da Geografia e da Arquitetura e Urbanismo. Deste modo, o presente artigo busca nesses campos a compreensão desse conceito fundamental.

Paisagem não tem interpretação única nos estudos da Geografia, variando de acordo com as abordagens adotadas. Schier faz uma análise da trajetória dos diferentes conceitos da paisagem desde as abordagens positivistas do século XIX até as concepções mais modernas [5]. O autor conclui que o estudo da paisagem é complexo e não há uma abordagem que traga uma compreensão da paisagem em sua totalidade. Segundo Schier ([5], p. 85), “torna-se então que o olhar a partir de uma determinada abordagem constrói um filtro que ressalta o que essa abordagem propõe”. Apesar da vasta gama de compreensões possíveis da paisagem, esta sempre considera “contexto geográfico e histórico, levando em conta a configuração social e os processos naturais e humanos” [5]. Para Dardel (1990, p. 54 apud Schier, 2003, p. 85), “a paisagem não se refere à essência, ao que é visto, mas, representa a inserção do homem no mundo, a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social” [5].

No entanto, de especial interesse para este trabalho, a abordagem humanista da Geografia, que encontrou em Dardel suas bases e se definiu a partir da década de 1970 pelos trabalhos de Edward Relph e Yi Fu Tuan, entende a paisagem como multisensorial e passou a considerar o lugar



como “um modo particular de relacionar as diversas experiências de espaço” [6]. Assim, os estudos em Geografia passaram a considerar aspectos sensoriais diferentes da visão de forma paralela aos estudos de paisagem sonora que estavam em sua fase inicial. Há uma descentralização do papel da visão, como pode-se apreender a partir de Tuan (2013, p. 28 apud Rapacci, 2023, p. 141) que escreveu que “o mundo percebido pelos olhos é mais abstrato que o conhecido por nós por meio de outros sentidos.” Assim, os sons passam a ser tratados como “componentes sensoriais da paisagem”, e a paisagem sonora passa a ser compreendida pela abordagem humanista como “uma formação mental e intencional construída a partir da relação corporal dos sujeitos com os elementos sonoros presentes no espaço acústico, bem como com outros sujeitos” [7].

Da mesma forma que na Geografia, a concepção de paisagem para a Arquitetura e Urbanismo também passou por reinterpretações de diversas abordagens que se seguiram no decorrer do tempo. O estudo e o projeto de paisagem estão tradicionalmente presentes no ensino de arquitetura brasileiro [8]. Sandeville Junior [9], em 2005, apresenta uma reflexão acerca do termo paisagem, partindo de sua origem e etimologia, que tem vinculação direta à territorialidade e se distancia do uso coloquial que remete paisagem a aspectos meramente visuais e estéticos. Para o autor, “paisagem, mais do que espaço observado, trata-se de espaço vivenciado, da sensibilidade das pessoas com seu entorno”. Queiroz e Queiroga [10], em 2012, afirmam que a paisagem é “dinâmica, criada pela ação do homem no meio e pela combinação dos aspectos sociais, culturais e aspectos naturais”, ou seja, além de mera imagem, implica em transformação e contexto. Corroborando com esse ponto, Magnoli [11], ao comentar as interações entre sociedades humanas e suporte, sendo o suporte a “base física e biológica que as envolve”, denomina como paisagem as “conFORMAções, conFIGURAções, carregadas da interação social com o suporte”.

Os termos adotados por Magnoli [11] carregam em si forma e figura, atributos associados à visão. O predomínio desse sentido no exercício da Arquitetura é passível de críticas e, nesse contexto, o trabalho de Juhani Pallasmaa [12], que recebeu a alcunha de arquiteto dos sentidos, traz em seu trabalho uma crítica ao predomínio da visão na Arquitetura. Juntamente a Steven Holl e Alberto Pérez-Gómez, trabalhou temas da filosofia e, mais especificamente, da fenomenologia da Arquitetura. Ele atribui à negligência em relação aos sentidos uma falta de humanismo na arquitetura e nas cidades contemporâneas. Para ele, “o predomínio dos olhos e a supressão dos outros sentidos tende a nos forçar à alienação, ao isolamento e à exterioridade” [12].

A paisagem, tanto para geógrafos, quanto para arquitetos, pressupõe contexto e percepção. Como para os cidadãos retratados em “A cidade e a cidade” [13], em que a paisagem de suas cidades consistia apenas naquilo que não era “desvisto”, a paisagem é uma construção humana, física, mas que abarca também fatores sociais, políticos, culturais e sensoriais. É produzida e produz, simultaneamente [10]. Porém faz-se necessário ir além do que se vê e se “desvê”, considerando a experiência e a percepção total dos lugares, como já propunham a geografia humanista e a fenomenologia da arquitetura.

3. SOUNDSCAPE, NEOLOGISMO AUDITIVO

Utilizando-se de neologismos auditivos baseados em termos relacionados à paisagem vista, Southworth e, posteriormente, Schafer e seus colegas do WSP, desenvolveram o campo de estudo de *soundscape* (paisagem sonora). A primeira definição fornecida por Schafer é uma definição abrangente e generalista, que é apresentada na introdução e na seção de glossário de seu livro “A Afiinação do Mundo” [1]:

Paisagem sonora: O ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente [1].

A partir da definição inicial, o termo ganhou circulação no meio acadêmico e fora dele, muitas vezes ocorrendo uma apropriação do termo com sentidos bastante diferentes dos originais [3]. O



termo, no entanto, não foi definido neutro, mas carregado com aspectos ideológicos de Schafer, que ao classificar as paisagens sonoras em “hi-fi” (alta definição) e “lo-fi” (baixa definição), manifesta sua preferência por sons naturais e uma crítica contundente ao ambiente sonoro dos centros urbanos. A crítica ao livro de Schafer [1] e ao termo que o nomeia (*soundscape*) é feita por Kelman [3] em seu artigo que busca as origens da expressão e problematiza seu uso para designar o campo de estudo. Apesar da crítica, o campo de estudo ganhou forma nas últimas décadas e já não se pode mais conter o uso do neologismo schafferiano. Os estudos em paisagem sonora se consolidaram por meio de trabalhos de diversos acústicos interessados na relação entre aspectos sociais, sons e meio. Novos trabalhos permitiram um desenvolvimento do termo e de sua definição.

Contemporâneo de Schafer e colega no WSP, Barry Truax [14] apresentou ainda em 1978 uma definição para *soundscape* em seu *Handbook for Acoustic Ecology*:

Paisagem sonora: Um ambiente de som (ou ambiente sonoro) com ênfase na forma como é percebido e compreendido pelo indivíduo ou por uma sociedade. É dependente então da relação entre o indivíduo e tal ambiente. O termo pode se referir a ambientes reais ou a construções abstratas como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente artificial. [...] Uma vez que uma paisagem sonora é formada pelas percepções conscientes e subliminares do ouvinte, a análise de paisagem sonora é baseada em atributos perceptivos e cognitivos [...] (tradução do autor) [14].

No entanto, as definições se ramificaram e o termo tornou-se uma expressão guarda-chuva, abarcando uma miríade de significações diferentes. A fim de criar território comum entre as mais diversas áreas de estudo interessadas em paisagem sonora, foram realizados esforços conjuntos para padronização do termo, culminando na publicação da primeira parte da norma internacional ISO 12913 em 2014 [15], que traz definições e conceitos. A norma, ainda sem uma versão brasileira, traz a definição de ambiente sonoro e paisagem sonora, tratados como sinônimos por Schafer e por muitos outros autores desde então. Assim, ambiente sonoro é definido na norma como o “som no receptor proveniente de todas as fontes sonoras conforme modificado pelo ambiente” e paisagem sonora é compreendida como “o ambiente sonoro conforme percebido ou experimentado e/ou compreendido, no seu contexto, por uma pessoa ou pessoas” [15]. A padronização do termo tem ressonância com a antiga definição apresentada por Truax, diferenciando então o ambiente sonoro, compreendido como um fenômeno físico da paisagem sonora, sendo esta dependente da percepção humana.

Além da definição de paisagem sonora, os métodos de coleta de dados também são essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. O principal método aplicado em pesquisas de campo é denominado *soundwalk* e por ora será referido no original em inglês. O *soundwalk* foi desenvolvido inicialmente no contexto do WSP e é descrito por Schafer em seu livro “A Afiinação do Mundo”, cuja edição brasileira traduz como “passeio sonoro”. O autor faz uma diferenciação entre *listening walk*, traduzido como “passeio auditivo”, e *soundwalk*, sendo o primeiro um “passeio concentrado na audição”, enquanto o segundo trata de “uma exploração da paisagem sonora de uma determinada área usando-se uma partitura como guia” [1]. O termo, no entanto, não foi vinculado a essa conceituação estrita. Sua definição mais geral e mais utilizada veio de Hildegard Westerkamp, pesquisadora, compositora e musicista cofundadora do WSP.

Em seu artigo *Soundwalking* [16], Westerkamp define a prática de *soundwalk* logo na primeira linha do texto, afirmando que se trata de “qualquer excursão cujo propósito principal seja ouvir o ambiente. É expor nossos ouvidos a todos os sons ao nosso redor, independentemente de onde estejamos”. Truax em seu “*Handbook for Acoustic Ecology*” [14], apresenta uma definição expandida de *soundwalk*.

Soundwalk: Uma forma de participação ativa na paisagem sonora. Apesar das muitas variações, o propósito essencial do *soundwalk* é encorajar o participante a ouvir



discriminadamente e, além disso, fazer julgamentos críticos sobre os sons ouvidos e suas contribuições para o equilíbrio ou desequilíbrio do ambiente sonoro. A fim de expandir a experiência auditiva, *soundmaking* pode também se tornar uma parte importante do *soundwalk*. Seu propósito é explorar os sons que são relacionados ao ambiente e, por outro lado, se tornar consciente dos próprios sons (voz, passos, etc.) no contexto ambiental. Um *soundwalk* pode ser escrito em forma de um mapa que os participantes usam tanto para guiar a rota quanto para atrair a atenção para aspectos de interesse acústico. O mapa também pode atuar como uma partitura, direcionando as atividades de audição e produção de som do participante de uma forma não limitada a um local específico. (tradução do autor) [14].

Além da parte 1, a norma ISO 12913 contém outras duas partes, mais recentes, de 2018 e 2019, que padronizam as formas de coleta de dados (Parte 2 [17]) e a análise de dados (Parte 3 [18]) em paisagem sonora. A *International Organization for Standardization* (ISO) define *soundwalk* como uma caminhada participativa em grupo para ouvir o ambiente, durante a qual dados acústicos e perceptivos são coletados [17]. Esse movimento de padronização e unificação das definições de paisagem sonora e seus métodos é, no entanto, muito recente e a norma ainda não possui uma versão brasileira, o que dificulta o acesso e o uso padronizado por pesquisadores brasileiros. O presente artigo busca então compreender o uso da terminologia de paisagem sonora no Brasil e se a publicação da norma internacional de alguma forma foi absorvida pela pesquisa brasileira.

4. MÉTODO DE ANÁLISE

A fim de avaliar os usos da terminologia de paisagem sonora na Academia brasileira, a plataforma *Google Scholar* mostrou-se uma ferramenta bastante útil. Assim, foram realizadas buscas contendo as palavras-chave “paisagem sonora”, “paisagem acústica”, “caminhada sonora” e “deriva sonora”. As duas primeiras referentes ao termo em inglês *soundscape* e as duas últimas como traduções possíveis de *soundwalk*. A pesquisa foi realizada com os termos entre aspas, a fim de buscar exatamente as palavras-chave em estudo. A Tabela 1 apresenta os números de artigos encontrados e avaliados para cada palavra-chave. Os resultados das análises serão apresentados na próxima seção.

A seleção dos artigos foi feita a partir dos primeiros resultados exibidos pelo buscador, removendo-se artigos duplicados. Para “paisagem sonora” foram considerados os primeiros 55 artigos encontrados na plataforma. Para “paisagem acústica” foram avaliados os 22 primeiros resultados relevantes de pesquisas brasileiras encontrados na plataforma. Para “passeio sonoro” e “caminhada sonora” foram avaliados os 19 primeiros resultados relevantes encontrados. Para “deriva sonora” foram avaliados todos os 7 resultados relevantes encontrados.

Tabela 1: Número de artigos encontrados e analisados por palavra-chave.

Palavra-chave	Número de artigos encontrados	Número de artigos analisados
Paisagem sonora	7460	55
Paisagem acústica	173	22
Passeio sonoro	84	19
Caminhada sonora	49	19
Deriva sonora	11	7

Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa pesquisa não tem a pretensão de esgotar as análises de produções, sobretudo em se tratando de paisagem sonora, que apresenta um volume bastante grande de resultados encontrados na plataforma de pesquisa. Para cada artigo, foram catalogados os nomes dos autores e autoras, título, ano de publicação, tipo de documento (artigo, monografia, dissertação ou tese), local e/ou instituição onde foi realizada a pesquisa, área de estudo dos autores, palavras-chave



usadas pelos autores e a definição encontrada para os termos. Esses dados catalogados foram o objeto de análise para a produção do presente artigo.

5. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados por termo pesquisado. Buscou-se compreender os seguintes pontos: se houve mudanças no decorrer do tempo, as relações das definições com as áreas de estudo e outras possíveis relações observáveis a partir dos dados coletados.

5.1. Paisagem sonora

A primeira observação acerca das publicações sobre paisagem sonora são as áreas de estudo de seus autores. A Tabela 2 abaixo apresenta o número de artigos por área de estudo, considerando os 55 trabalhos analisados.

Tabela 2: Número de artigos por área de estudo.

Área de estudo	Número de artigos
Música	14
Arquitetura e Urbanismo	9
Geografia	9
Comunicação	7
Letras	5
Artes Cênicas	2
Ciências sociais	2
Educação	2
Engenharias	2
Audiovisual	1
Psicologia	1
Ciências da saúde	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se a preponderância de publicações de artigos dentro do campo de estudos da música. Esse fato não deve causar espanto, uma vez que Schafer era um pesquisador da música, compositor e essa foi sua área de estudos. Seu livro consta como bibliografia em diversos cursos superiores de Música no Brasil e é nesse campo que o autor passou a ser conhecido primeiro no país. Dentre os 14 artigos de pesquisadores da Música, 6 citam diretamente o autor canadense, adotando sua definição para o termo, outros 5 apresentam definição sinônima a ambiente sonoro (todos os sons contidos num ambiente) ou não apresentam definição explícita, mas permitem inferir essa utilização sinônima. Dois artigos tratam paisagem sonora como um gênero de composição musical.

As áreas de estudo da Geografia e da Arquitetura também apresentam um número considerável de publicações sobre o assunto, o que revela uma ligação entre estudos de paisagem e paisagem sonora. Para cada uma das áreas, apenas dois artigos citam Schafer com a finalidade de apresentar uma definição para o tema em estudo. Justamente nessas áreas são introduzidas novas definições, para além da apresentada por Schafer, e que consideram contexto e percepção.

Uma interessante definição encontrada entre as publicações de geógrafos está a publicação de Torres e Kozel, de 2012, que diz que “ao pensar paisagem sonora, deve-se levar em conta a diversidade de sons presentes num lugar e a relação destes com a cultura e com o lugar” [19]. Os autores ainda complementam ao afirmar que “estes elementos (sons artificiais, línguas e músicas) são produtos e produtores da paisagem sonora e esta age na memória das pessoas e nos significados e valores que as pessoas atribuem aos lugares” [19]. Essa definição se relaciona à



compreensão de paisagem para a Geografia, não como fenômeno físico, mas como dependente do contexto e sujeita à percepção.

Porém, é apenas na Arquitetura que as definições propostas pela norma reverberam. Soares [20], em seu artigo de 2017, cita especificamente a norma internacional para definir a paisagem sonora como “o ambiente acústico de um lugar, percebido ou experimentado pelas pessoas no seu contexto, resultado da ação e interação de fatores naturais e humanos”. Vieira *et al.* [21], em artigo de 2020, afirmam que a “paisagem não existe, objetivamente ela é relativa ao que se pensa dela, percebe dela e diz dela”. No total, 4 dos 9 artigos de pesquisadores da Arquitetura e Urbanismo definem a paisagem sonora como produto da percepção humana.

Avaliando a cronologia do termo, a publicação mais antiga encontrada é o artigo de Valente [22], datado de 2001. A autora adota Schafer como referência e traz na nota de rodapé a definição de paisagem sonora como “os sons que compõem um ambiente acústico, seja qual for sua natureza” [22]. Foram encontradas 8 publicações anteriores a 2010. Considerando o ano de 2014 como ponto de análise, ano de publicação da norma ISO 12913-1 [15], que padroniza a definição de paisagem sonora, tem-se então 21 textos publicados antes e 34 textos publicados após esse ano. É notável, portanto, um aumento na produção acadêmica de estudos relacionados à paisagem sonora. As obras anteriores ao ano de publicação da norma que abarcam além dos fenômenos físicos, os contextos social e cultural, estão concentradas na área de estudos da Geografia e buscam nos estudos de paisagem o embasamento para essas definições. Já as publicações que apresentam definições próximas à da ISO 12913-1 [15] são todas posteriores à publicação da norma e apenas na área de estudos de Arquitetura e Urbanismo. Essa prevalência na adoção dos termos utilizados pela norma não é incidental, uma vez que atualmente professores e pesquisadores de Arquitetura e Urbanismo têm colaborado para o desenvolvimento de estudos e para a padronização em paisagem sonora.

5.2. Paisagem acústica

É interessante observar que, enquanto termo, paisagem sonora e paisagem acústica parecem sinônimas. A utilização, no entanto, é bastante distinta. Dentre os 22 artigos avaliados, apenas um utilizava paisagem acústica como equivalente à paisagem sonora, sendo uma produção de pesquisadores em engenharia de transportes [23]. O artigo não apresenta definição explícita do termo, mas permite a inferência do significado quando diz que, a partir da utilização do *software* SoundPlan, “foram produzidos mapas de ruído, que expressam a paisagem acústica da região de interesse” [23]. As outras publicações estão majoritariamente inseridas nas áreas de Oceanografia, Biologia/Ecologia e Estudos Ambientais.

O termo é também uma tradução de *soundscape*, mas decorre da ramificação nos estudos de paisagens sonoras relacionada aos sons subaquáticos. A norma ISO 18405:2017 [24], redigida pelo subcomitê da ISO de *Underwater Acoustics*, define *underwater soundscape* (paisagem sonora submarina) como “caracterização do som ambiente em termos de seus atributos espaciais, temporais e de frequência, e os tipos de fontes sonoras contribuindo para esse campo sonoro” [24]. Essa definição não considera percepção por não envolver seres humanos na recepção dos sons do ambiente, mas sim a fauna marinha. Originário de estudos do mar e da Oceanografia, o conceito foi transportado para o meio aéreo, em Ecologia e Biologia. Todos os textos analisados referentes à Bioacústica utilizam “paisagem acústica” como tradução para *soundscape*. Essas publicações têm como referências principais os trabalhos de Pijanowski e Krause. Conforme Jesús [25] descreve em sua monografia, “considerada por Pijanowski uma nova ciência que estuda os sons de origem biótica e abiótica de um ambiente, a paisagem sonora, de acordo com Krause, é composta pela biofonia, geofonia e antropofonia”. Os termos “biofonia”, “geofonia” e “antropofonia” são bastante recorrentes nas produções analisadas.

Portanto, apesar da origem comum e de significados similares, paisagem sonora e paisagem acústica são conceitos com aplicações bastante diferentes na Academia brasileira e é fundamental que se mantenha essa distinção.



5.3. Passeio sonoro

Dentre as traduções possíveis do termo *soundwalk*, “passeio sonoro” apresenta o maior número de resultados encontrados na plataforma *Google Scholar*, conforme apresentado anteriormente. A razão para isso é bastante evidente, pois a tradução brasileira da obra de Schafer traz *soundwalk* traduzido como passeio sonoro. Tal escolha de tradução se reflete na pesquisa nacional.

Quanto às definições adotadas, alguns textos não apresentam uma conceituação explícita do termo [26, 27]. Nota-se também a utilização de “passeio sonoro” como parte de uma performance ou produção artística [28, 29, 30]. Os artigos que apresentam definições, em geral, descrevem o método como uma caminhada para investigação e escuta atenta do ambiente [31, 32]. Poucos referenciam o trabalho de Schafer [33, 34] ou Westerkamp [35, 36]. Em alguns casos o significado é implícito.

No entanto, é necessário que se estabeleçam padrões de usos de termos a fim de sedimentar significados e evitar compreensões errôneas. Nesse sentido é interessante observar o artigo analisado que cita Truax como criador do termo *soundwalk* e define que este é um “processo no qual o pesquisador percorre um pequeno trecho de rua de um determinado ambiente gravando o ambiente” [37]. Essa descrição de um passeio sonoro não encontra amparo no trabalho de Truax ou nos estudos em paisagem sonora, sendo a gravação uma ferramenta, mas não a finalidade usual de *soundwalks*. Esse exemplo reforça a necessidade de padronização de conceitos e integração entre diferentes áreas de estudo interessadas em paisagens sonoras.

Em relação às datas de publicação, dentre os 19 artigos analisados, 8 foram publicados após a parte 2 da especificação técnica ISO/TS 12913-2 [17], de 2018, que define *soundwalk*. No entanto, não foram encontradas menções à publicação. As principais áreas de estudo presentes nos artigos analisados são Música, Comunicação social, Artes e Arquitetura e Urbanismo.

Cabe aqui uma reflexão quanto ao uso do termo passeio, que evoca memórias de atividades recreativas e de lazer. A tradução em espanhol para *soundwalk* é *paseo sonoro*, contudo, a simples analogia entre “passeio” e *paseo* não deve ser feita, uma vez que a palavra espanhola significa também andar/caminhar.

5.4. Caminhada sonora

O termo “caminhada sonora” parece ter um uso disseminado mais recentemente, com todas as publicações feitas entre 2015 e 2022, sendo 8 delas após a publicação da ISO/TS 12913-2 [17], ainda assim não aparecem referências à norma em nenhum dos trabalhos avaliados. Dos 19 artigos considerados, 5 citam o termo original *soundwalk*, ou até utilizam o termo original de forma corrente, apresentando caminhada sonora apenas como uma tradução possível [38, 39, 40, 41, 42].

Dentre os 19 artigos avaliados, há menção ao WSP e à Westerkamp em 4 deles [39, 40, 41, 43], e a autora recebe mais menções do que o próprio Schafer. Percebe-se então uma relação mais direta entre as publicações e as fontes originais que definiram o método de *soundwalk*, e que não possuem tradução para o português. Cinco dos artigos em análise não apresentam definições, mas é possível inferir que tratam de caminhadas em grupo com a finalidade de escuta do ambiente.

As áreas de estudo que se utilizaram do termo foram Geografia (6 publicações), Música (5 publicações), Artes (3 publicações), Arquitetura e Urbanismo (2 publicações), Pedagogia (2 publicações) e Comunicação (1 publicação).

5.5. Deriva sonora

O termo “deriva sonora” foi considerado no escopo da pesquisa devido à prática de deriva bastante difundida na Arquitetura e Urbanismo. A prática da deriva, descrita pelo situacionista Guy Debord [44], carrega, no entanto, significados mais amplos do que uma caminhada atenta,



implicando em um percurso sem roteiro definido em que os participantes são levados pelo ambiente em estudo, sob “efeitos de natureza psicogeográfica”. “Uma ou várias pessoas que se lançam à deriva renunciam, durante um tempo mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele correspondem” [44].

A deriva pressupõe andar sem rumo, sujeito às sensações provocadas pelo ambiente, o que fica evidente em algumas das publicações avaliadas no contexto desse estudo. O artigo de Marra e Garcia [45] define deriva como “apropriação do espaço urbano pelo pedestre através do andar sem rumo”, definição também encontrada no texto de Mendo [46] em que as derivas são descritas como “exercícios de ocupação da cidade, caminhadas sem destino prévio, onde um grupo de *flâneurs* percorre determinada zona com o objetivo de absorver suas peculiaridades, abertos às interferências do acaso. A Internacional Situacionista e o trabalho de Guy Debord são guias para a maioria dos trabalhos encontrados, mostrando consistência no uso do termo. No entanto, existem exceções, que tratam a deriva como percurso com rota definida [47] ou até mesmo completamente descontextualizado da prática da deriva situacionista, como no trecho que se segue: “Durante os momentos de exploração sonora, em especial, somos provocados a filtrar, em meio ao caos sonoro, os elementos espectrais de cada instrumento, numa espécie de deriva sonora, em meio à dominância sônica introspectiva proposta por Estivalet” [48].

Após o exposto, entende-se então que a “deriva sonora” é uma prática diferente dos *soundwalks* que são experimentos planejados, com rotas e objetivos definidos e cumprem certo rigor, pois configuram método de coleta de dados. Os campos de estudo que se apropriam do termo também diferem em relação aos termos apresentados anteriormente, sendo predominante o uso da “deriva sonora” nas Artes, incluindo Artes Cênicas e Música. O único artigo avaliado de fora das artes pertence ao campo de estudo da Comunicação Social.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados são analisados a seguir de acordo com os termos chave a que se relacionam.

6.1 Soundscape

Após analisados os resultados obtidos pela pesquisa, compreende-se que o campo de estudo da paisagem sonora foi moldado pelos escritos de Schafer que foram traduzidos para o português, sobretudo o livro “A Afinação do Mundo”. Dele é extraída a definição de paisagem sonora mais difundida entre os artigos avaliados, reverberando em diferentes áreas de estudo, sobretudo na Música. Além disso, estudos da Geografia são bastante relevantes na pesquisa brasileira em paisagem sonora, apresentando uma visão de paisagem sonora derivada dos próprios conceitos de paisagem, principalmente das definições apresentadas pela Geografia Humanista.

É interessante notar também que as definições de paisagem e ambiente sonoro propostas pela norma ISO 12913-1 [15], publicada em 2014, não impactam de forma significativa a pesquisa brasileira em paisagem sonora. Esse fato evidencia a necessidade de traduções da norma para o português, a fim de ampliar sua adoção pela Academia brasileira.

Outro ponto relevante é a separação dos termos “paisagem sonora” e “paisagem acústica”, que apesar de serem traduções da mesma palavra inglesa, possuem usos bastante distintos. É recomendável então o uso do termo “paisagem sonora” para se referir aos estudos iniciados por Schafer e pelo WSP e padronizados pela norma ISO 12913.

6.2 Soundwalk

Foram considerados três usos alternativos de termos brasileiros que se aproximam do método de *soundwalk* desenvolvido no contexto do WSP: “passeio sonoro”, “caminhada sonora” e “deriva sonora”. Segundo já exposto, é evidente a influência do trabalho de Schafer entre os autores que adotam o uso do termo “passeio sonoro”, presente no livro “A Afinação do Mundo”, como a escolha da tradução para *soundwalk*. No entanto, “caminhada sonora” é um termo que surgiu mais



recentemente e tem apresentado maior número de produções nos últimos anos, ganhando força na Academia brasileira. Além disso, os textos que se utilizam do termo “caminhada sonora” tendem a apresentar o termo original em inglês e é comum que citem autores não traduzidos, como Truax e Westerkamp, fundamentais para o desenvolvimento dos estudos em paisagem sonora fora do Brasil. Já o termo “deriva sonora”, apesar de guardar semelhanças com os métodos anteriores, carrega diferenças conceituais, uma vez que está ligado ao movimento Situacionista das décadas de 50 e 60, e implica em atividades mais livres e espontâneas do que propõe o *soundwalk*.

Dessa forma, propõe-se a adoção do termo “caminhada sonora” como tradução de *soundwalk* para os usos relacionados à pesquisa em paisagem sonora.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é um esforço inicial de compreensão dos usos da terminologia de paisagem sonora correntes na Academia brasileira. O número de publicações analisado é pequeno perto do total de produções existentes, porém possibilita traçar padrões e compreender tendências na pesquisa brasileira em paisagem sonora.

Fica evidente, após a condução da presente pesquisa, a necessidade de tradução para a língua portuguesa de trabalhos essenciais para os campos de estudos de Ecologia Acústica e Paisagem Sonora, bem como a tradução brasileira da norma ISO 12913, em suas 3 partes.

Em um campo de estudo tão multidisciplinar, a ausência de trabalhos traduzidos e de padronização mantém a pesquisa fragmentada entre as diversas áreas que se interessam pelos estudos do som. A conquista de ferramentas em português para estudos em paisagem sonora é essencial para o florescimento de um campo de pesquisa cada vez mais integrado.

REFERÊNCIAS

- (1) Schafer, R. M. (2012). *A Afinação do Mundo* (2ª edição). Editora Unesp.
- (2) Southworth, M. (1969). The Sonic Environment of Cities. *Environment and Behavior*, 1(1). DOI: 0.1177/ 001391656900100104.
- (3) Kelman, A. (2010). Rethinking the Soundscape: A Critical Genealogy of a Key Term in Sound Studies. *The Senses and Society*, 5(2), 212–234. DOI: 10.2752/174589210X12668381452845.
- (4) Akiyama, M. (2010). Transparent Listening: Soundscape Composition’s Objects of Study. *RACAR: Revue d’art canadienne / Canadian Art Review*, 35(1), 54–62. <https://doi.org/10.7202/1066802ar>.
- (5) Schier, R. A. (2003). Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia. *Ra’e Ga*, 7(1). <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v7i0.3353>.
- (6) Malanski, L. M. (2015). Éric Dardel – O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. *Terr@ Plural*, 9(1), 135–142.
- (7) Rapacci, M. M. de Q., Silva, M. O. M. da; Fraga, N. C. (2023). Paisagem sonora do Parque Estadual “Mata dos Godoy”, Londrina, PR: sensações e percepções. *Ateliê do Turismo*, 7(1), 139-160. <https://doi.org/10.55028/at.v7i1.16540>.
- (8) Bartalini, V. (2013). A paisagem em arquitetura e urbanismo: remontar às “nascentes” como opção metodológica. *Paisagem e Ambiente*, 32, 69–81. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i32p69-81>.
- (9) Sandeville Júnior, E. (2005). Paisagem. *Paisagem e Ambiente*, 20, 47–59. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i20p47-59>.
- (10) Queiroz, A. N.; Queiroga, E. F. (2012) Unidades de Paisagem: materiais e métodos para uma avaliação paisagística e ambiental. *Anais do VII Colóquio QUAPÁ-SEL 2012*, Campo Grande - MS.



- (11) Magnoli, M. M. (2006). Ambiente, espaço, paisagem. *Paisagem e Ambiente*, 21, 237–244. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i21p237-244>.
- (12) Pallasmaa, J. (2011). *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre - RS, Bookman.
- (13) Miéville, C. (2014). *A Cidade e a Cidade*. Boitempo Editorial.
- (14) Truax, B. (1999). *Handbook for Acoustic Ecology* (2ª edição). ARC Publications.
- (15) International Organization for Standardization (2014). *Acoustics — Soundscape — Part 1: Definition and conceptual framework* (ISO Standard N° 12913-1). <https://www.iso.org/standard/52161.html>.
- (16) Westerkamp, H. (1974). Soundwalking. *Sound Heritage*, 3(4).
- (17) International Organization for Standardization (2018). *Acoustics — Soundscape — Part 2: Data collection and reporting requirements* (ISO Technical Specification N° 12913-2). <https://www.iso.org/standard/75267.html>.
- (18) International Organization for Standardization (2019). *Acoustics — Soundscape — Part 3: Data analysis* (ISO Technical Specification N° 12913-3). <https://www.iso.org/standard/69864.html>.
- (19) Torres, M. A.; Kozel, S. (2012). A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. *Visões do Brasil – Estudos culturais em Geografia*. EDUFBA.
- (20) Soares, A. C. L. (2017). Paisagem sonora de parques urbanos. *Paisagens Híbridas*, 76(1), 74–97.
- (21) Vieira, J. C. de S. *et al.* (2020). Paisagem sonora em Juiz de Fora: O som da cidade como resgate da cultura e da memória urbana. *Principia – Caminhos da Iniciação Científica*, 20(1).
- (22) Valente, H. de A. (2001). A cigarra e a formiga: por uma paisagem sonora da sociedade globalizada. *Significação*, 15, 16–28.
- (23) da Costa, C. A. (2013). Barreiras acústicas como medida de mitigação dos ruídos gerados pelo tráfego rodoviário: Setor Noroeste – DF. *19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito*, Brasília.
- (24) International Organization for Standardization (2017). *Underwater Acoustics – Terminology* (ISO Standard N° 18405). <https://www.iso.org/standard/62406.html>.
- (25) Jesús, J. T. M. B. (2018). Um estudo sobre a paisagem acústica de dois fragmentos de restinga da Região dos Lagos/RJ. [Trabalho de conclusão de curso, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras]. IFRJ.
- (26) Medrado, A. M. (2013). Comunidade alto-falante: A escuta da rádio de poste, os sons do comércio e da vida cotidiana em um bairro popular de Salvador. *XXII Encontro Anual da Compós*, Salvador - BA.
- (27) Maciel, M. A.; Dacampo, G. P. R.; Dlugokenski, A.; Soares, P. (2018). Jogos sonoros como prática pedagógica de reconhecimento de territórios sonoros. *XXVIII Encontro da Sociedade Brasileira de Acústica*, Porto Alegre - RS.
- (28) Lautenshlaeger, G. (2018). Self-portrait of an absence: exercitando a criação de máquinas híbridas imaginárias. *Revista Metamorfose*, 3(1), 8–23.
- (29) Bragagnolo, B. (2020). Assemblage Sonora: uma composição performática de estratos. *Anais da VIII International Conference on Music Performance PERFORMUS*.
- (30) Batista, L. B.; Ramos, T. C. (2006). Sons do Centro: Documentário audiovisual sobre a paisagem sonora do centro da cidade de Goiânia. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Goiás]. UFG.
- (31) Lima, A. C. C. C. (2021). Paisagem sonora em diferentes escalas no espaço público de Brasília. [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/41371>.
- (32) Fonterrada, M. T. de O. (2022). “Escutativa”: O entrelaçamento entre música, paisagem sonora e qualidade de vida. *Pista: Periódico Interdisciplinar*, 4(1), 6–22.



- (33) Medrado, A.; Souza, R. (2016). Direito ao som: Paisagens e resistências sonoras do Funk na Favela da Maré. *Contemporanea | Comunicação e cultura*, 14(1), 89–104.
- (34) Simili, J.; Queiroz, A. (2020). Passeio sonoro comentado: Metodologia de identificação da paisagem sonora representada por pessoas surdas. *Oculum Ensaios*, 17(1).
- (35) Niemeyer, M. L.; Cortês, M.; Oliveira, F. (2019). Ouvidos abertos para a cidade: a Praça Tiradentes e o Saara. In: *Ressensibilizando Cidades: ambiências urbanas e sentidos. Anais da Conferência Internacional 2019*. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ.
- (36) Mapurunga, M. (2020). Treinar a escuta por meio de mapas sonoros em cursos de cinema e audiovisual. *3° Congresso Intersaberes em Arte, Museus e Inclusão; III Encontro Regional da ANPAP Nordeste*.
- (37) Rego, A. Q.; Niemeyer, M. L.; Vasconcellos, V. (2012). Passeio sonoro: uma metodologia para procedimentos de campo e registro de dados (Parque do Flamengo, RJ). *11° Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Campo Grande – MS.
- (38) Pessoa, F. (2015). O ruído: Fricções entre a linguagem sonoro-musical e a tecnologia. *Artefactum – Revista de estudos em linguagem e tecnologia*, 7(2).
- (39) Frias, R. C. (2018). Uma trilha sonora no Largo da Carioca: caminhadas de escuta e observação como método de investigação dos espaços públicos / A soundtrack on the Largo da Carioca: listening and observation walks as a public spaces investigation method. *Geografares*, 26, 235-253, Vitória – ES. DOI: 10.7147/GEO26.21008.
- (40) Frias, R. C. (2019). O trabalho de campo na Geografia: características fundamentais e um convite à escuta. *Espaço e cultura*, 45, 61-86. DOI: 10.12957/espacoecultura.2019.48535.
- (41) Bandeira, A. D. (2016). *Música Móvel Crítica*. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. USP. <https://doi.org/10.11606/D.27.2016.tde-08092016-154653>.
- (42) Nisenbaum, M.; Kós, J. R.; Vilas Boas, N. B. (2016). O estudo das paisagens sonoras por meio de soundwalks: estratégias e possibilidades de representação. *IV ENANPARQ*, Porto Alegre – RS.
- (43) Paiva, D. (2020). Métodos sonoros para a investigação geográfica. *Situação Geográfica*, 3.
- (44) Debord, G. (1958). Teoria da Deriva. *Revista da Internacional Situacionista*, 2.
- (45) Marra, P. S.; Garcia, L. H. (2012). Ouvir música na cidade: experiência auditiva na paisagem sonora urbana do hipercentro de Belo Horizonte. *Contemporânea*, 20(10).
- (46) Mendo, M. (2016). *Provocações sonoras: uma investigação da escuta na criação cênica*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. UFRGS. <http://hdl.handle.net/10183/147147>.
- (47) Caccuri, V. (2018). Caminhada silenciosa: entre a pegação e o que está aqui. *Revista Poiésis*, 25, 81–90.
- (48) Conter, M. B.; Perissé, L. M. L.; Kolmar, J. H. (2021). Blocos de sensação e a força afetiva dos timbres no rock independente brasileiro. *17° Encontro Internacional de Música e Mídia*.

